

*Dialética e imaginação na sociologia de  
José de Souza Martins*

Aqui se faz uma análise do conjunto da obra de Martins, destacando seu método para compreender e explicar a sociedade brasileira. Na sua obra é possível identificar três grandes áreas temáticas: uma sociologia do mundo rural, uma sociologia da vida cotidiana e uma recente sociologia da imagem. Martins trata esses temas a partir do que está na margem, dos vazios, das ausências e dos silêncios.

Lefebvre, da mesma forma que Marx, tem deixado sua marca profunda no pensamento sociológico de Martins. Durante 18 anos (1975 a 1993), Martins e um grupo de alunos se dedicaram a estudar as obras de Marx e de Lefebvre. Finalizada a desafiadora tarefa de analisar a obra de Marx, o grupo empreendeu a aventura intelectual de estudar a contribuição teórica e metodológica de Henri Lefebvre, um marxista contemporâneo, criativo e crítico, marginalizado na academia e pela esquerda. O objetivo do seminário, coordenado por Martins (1996), era a apropriação da dialética como método de pesquisa e de análise. Esta jornada de estudos foi decisiva na sociologia de Martins, pois permitiu apreender a dialética como método para desvendar as possibilidades da história ocultas no repetitivo do cotidiano.

Discípulo de Florestan Fernandes, Martins é autor de uma obra sociológica rica e diversa e que, mesmo lenta e tardiamente, está sendo reconhecida em toda sua importância. Martins é um dos principais sociólogos brasileiros, inovador não só em relação aos temas abordados, mas também no que se refere à perspectiva metodológica que adota. Há na sociologia uma pluralidade teórica sem preconceito que se expressa na abertura extraordinária de suas fontes e no amplo diálogo com autores que “pertencem” a tradições teóricas diferentes, e

---

<sup>1</sup> Professor do Mestrado em Sociologia, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, Brasil. E-mail: william.hector@gmail.com.

que são consideradas, por alguns, como antagônicas. Martins combina a sociologia e a história não somente como perspectiva teórica, mas como prática cotidiana de pesquisa na interpretação dos silêncios das populações que se encontram no limite, na fronteira do mundo tradicional em crise e o mundo moderno.

Martins critica e supera as barreiras dos preconceitos que existem no mundo acadêmico. Não há, na sua obra, as proibições criticadas por Bourdieu (2006); pelo contrário, há uma crítica a estes dogmatismos. Antes de Bourdieu, Florestan Fernandes já tinha questionado as interdições ao pensamento existentes nas ciências sociais. Florestan usou cuidadosamente as teorias de Marx, Durkheim e Weber para desvendar a complexidade do objeto, sendo possível fazer uso dessas fontes teóricas de forma criativa sem rejeitá-las previamente. Porém, essa postura valeu a Florestan, como disse Martins, a crítica injusta de ser eclético. Crítica baseada na suposição de que essas tradições são completamente antagônicas, separadas entre si e que, portanto, seria inconcebível que um pesquisador pudesse usá-las indistintamente.

Martins é continuador da sociologia de Florestan Fernandes, mas vai além e descobre uma nova forma de fazer sociologia, contribuindo para a formação de uma sociologia enraizada. A sociologia de Martins não só propõe novos temas, mas cria um novo olhar, e uma nova interpretação sociológica. Há definitivamente uma sociologia própria que se origina em Florestan Fernandes, mas que abre novas perspectivas sociológicas que precisam ser descobertas e devidamente dimensionadas pelas ciências sociais brasileiras. Na sociologia de Martins existem rupturas e continuidades em relação à sociologia de Florestan Fernandes. O golpe militar de 1964 interrompeu a formação e a evolução da sociologia brasileira. As cassações de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni provocaram um rompimento entre os velhos professores, herdeiros da missão francesa, e as novas gerações de sociólogos. O governo militar autoritário impactou negativamente na nova sociologia crítica brasileira, reduzindo suas potencialidades e seu vigor criativo e poético. A produção de teoria, as pesquisas e os estudos sociológicos que vinham sendo desenvolvidos pela escola de sociologia de Florestan Fernandes foram brutalmente interrompidos pelo autoritarismo do governo militar. Como disse Martins (2013), o golpe militar significou a eliminação das bases sociais e institucionais assim como dos pressupostos teóricos dessa sociologia. Foi necessário reformar o percurso, definir novos problemas de pesquisas e descobrir novas formas de fazer sociologia. Martins é o responsável pela reformulação e renovação da sociologia de Flores-

tan Fernandes, com a realização de uma ampla pesquisa empírica na última fronteira do capitalismo brasileiro. É dessa forma inovadora que ele reconstitui a sociologia crítica em oposição à sociologia da cópia e da imitação. A sociologia enraizada de Martins torna-se contraponto aos modismos importados que dominam até hoje.

Martins, apesar das condições adversas dos anos 1970, fez uma pesquisa solitária nos estados do Pará, Mato Grosso e Rondônia sobre os conflitos sociais e étnicos na última fronteira do capitalismo brasileiro. É nessas regiões que estava ocorrendo o confronto entre a modernidade e os povos desconhecidos. Martins propõe uma nova prática sociológica de envolvimento com essas populações para estudar as contradições e os conflitos sociais. Aqui vale a pena destacar a diferença em relação a muitos sociólogos que consideravam que a contradição fundamental estava nas fábricas. Essa opção de Martins de construir uma sociologia a partir das contradições aparentemente secundárias coincide com a crítica lefebvriana ao “obreirismo” e à classe operária. Para Lefebvre (1973), há um fetichismo ou um mito que identifica classe operária com revolução e também classe operária com proletariado. A classe operária não é revolucionária em si, por si, ou seja, não existe uma essência e natureza revolucionária da classe operária. Ele atribui o obreirismo a Lassalle e não a Marx. É no lassallismo primitivo que se encontra o discurso do obreirismo revolucionário e, em consequência, a ênfase na produção. A classe operária teria o controle da produção, assim poderia aumentá-la ou interrompê-la, o que levaria a concluir a existência da possibilidade de transformação da sociedade através da interrupção da produção, ou seja, através da greve geral ou da crise econômica. Isto é o que Lefebvre chama de ideologia da produção que se origina na lei de bronze de Lassalle. Na perspectiva de Lefebvre, deve-se analisar a reprodução das relações sociais e não a produção de coisas, ou seja, a sociedade capitalista é uma produção de relações sociais e não somente uma produção de mercadorias.

Lefebvre distingue classe operária de proletariado, resultado da decomposição das relações sociais, segundo ele, se produz uma ampla proletarianização que implica novas contradições. O caráter amplo desta proletarianização se explica pela própria definição de proletariado, isto é, a ausência de qualquer controle sobre os meios de produção. Lefebvre refere-se à proletarianização das classes médias, dos colarinhos-brancos, dos camponeses arruinados nos países da América Latina. O proletariado inclui também os intelectuais cujos conhecimentos não lhes conferem controle sobre os meios de produção, a população

negra e os trabalhadores imigrantes. Esta definição de Lefebvre corresponde à noção de classe de Marx, uma classe separada dos meios de produção, mas carregada de negatividade, isto é, capaz de realizar a transformação da sociedade (LEFEBVRE, 1973).

Coerente com sua perspectiva teórica e metodológica, Martins vai para a periferia da sociedade moderna. É naquelas regiões, citadas acima, onde se dá o confronto e desencontro das temporalidades históricas. No meio da violência e conflitos sociais, assassinatos e ameaças, Martins dá continuidade à sociologia crítica de Florestan Fernandes, ao mesmo tempo em que faz surgir uma sociologia própria, criativa e inovadora.

É Lefebvre quem prolonga o pensamento de Marx à luz das novas contradições do mundo moderno. Lefebvre, crítico radical do dogmatismo, se pergunta: como pode o pensamento (marxista), que pretende explicar as contradições do mundo, escapar de suas próprias contradições? Essa premissa também anima a postura sociológica de Martins. Há muita afinidade intelectual entre Martins e Lefebvre. A comparação que Martins (1998) faz entre Florestan Fernandes e Henri Lefebvre assinala muitas semelhanças entre eles: a origem social de ambos, a trajetória intelectual e certa marginalização no mundo acadêmico. Esse exercício comparativo, entre Lefebvre e Florestan, poderia incluir a análise da própria trajetória intelectual de Martins. Sem dúvida, a origem social de Martins, filho de imigrantes pobres, de uma família que vivia no limite, entre o mundo rural e a modernidade, num mundo dividido entre a fábrica e a roça, tem influenciado sua obra e contribuído para explicar por que sua sociologia centra sua atenção nas vítimas da sociedade moderna.

A sociologia de Martins é uma sociologia perturbadora e, às vezes, incômoda para seus pares. É uma sociologia de rupturas e continuidades, de permanências e de busca do novo, de explicitação das incertezas da vida cotidiana do homem simples. De algum modo, como ele mesmo disse (MARTINS, 2013), a sua origem social o preparou para viver das incertezas e escolher o que está na margem como método, ponto de vista original, que lhe possibilitou alargar sua visão sobre o mundo e suas contradições. Na sua sociologia, Martins revive as incertezas das classes trabalhadoras em contraste com a visão e segurança das classes médias. Ele vê o mundo através das coisas pequenas, do que parece pouco, para revelar um mundo diferente do mundo da abundância e das quantidades. E a sociologia precisamente é para explicar os mundos que há no mundo (MARTINS, 2013). Esta preferência pelo marginal coincide com a postura periférica de Henri

Lefebvre. Tanto Martins como Lefebvre procuram tirar das sombras os fenômenos, iluminá-los ao máximo, especificamente através do movimento dialético entre o concebido e o vivido. Muitos tomam partido ora pelo vivido, cego, disforme, ora pelo concebido e abstrato. Lefebvre (1976) prefere misturar o concebido e o vivido, situar-se no limite, nas fronteiras. Apesar de ter sido fascinado por Paris e mesmo de ter vivido muito tempo nesta cidade, Lefebvre não se considerava parisiense. Suas raízes estavam, segundo ele, na região dos Pirineus: “Me muevo entre los centros y las periferias; soy a la vez periférico y central, pero con claro partidismo por la periferia” (LEFEBVRE, 1976, p. 134). Do ponto de vista analítico, a relação dialética entre centro e periferia é mais estimulante e criativa.

Na construção da sua sociologia, Martins não só luta contra o dogmatismo e o militantismo, mas também contra a neutralidade do cientista social. Além disso, sustenta a necessidade de praticar a função provocadora do sociólogo. Segundo ele, a função do sociólogo é provocar e criticar. Nos seus livros, Martins exercita com habilidade a provocação e a transforma em arte. Provoca os poderes estabelecidos, as ideias consensuais, os conceitos que se tornaram senso comum na academia, que muitos usam e consideram verdades absolutas, isto é, inquestionáveis. Martins abala certezas constituídas; afinal, a função do sociólogo é produzir incertezas. Por exemplo, na sua análise da exclusão social (MARTINS 2008; 2009), desmascara a visão de quem defende esse discurso: as classes médias, os mediadores. Martins nos disse que o discurso da exclusão social é um discurso das classes médias, ou seja, de quem se sente incluído no capitalismo.

O discurso da exclusão social é portador de uma visão metafísica que considera o capitalismo um sistema acabado e fechado. O irônico é que os seus destinatários não se sentem excluídos; muito pelo contrário, se sentem parte do “sistema”. A partir da crítica a esse discurso, Martins propõe a noção de inclusão precária. O autor observa o processo e não só o momento da “exclusão social”. Assim, o capitalismo exclui para incluir. Martins chega à conclusão que todos estão incluídos no capitalismo, até os mortos. Em algum lugar, Marx disse que todos produzem mais-valia, até o padre e a prostituta. Afirmar que a exclusão é um falso problema sociológico é uma grande provocação sociológica. No fundo, o discurso da exclusão social é um discurso a favor da manutenção do capitalismo. Martins faz uma crítica radical ao consenso sobre a existência da exclusão social. Esta crítica de Martins expressa a concepção lefebvriana do capitalismo como uma totalidade inacabada, mas que se vai realizando num processo con-

traditório. Lefebvre rejeita a noção de sistema, não há uma totalidade consumada, ainda que um “todo” absorveu as suas condições históricas, dominou algumas contradições, assimilou alguns elementos, mas sem ter homogeneidade (LEFEBVRE, 1973).

Martins renova o método dialético resgatando todas as suas possibilidades críticas e explicativas, superando a cisão entre o vivido sem conceito e o conceito sem vida. Indo até as últimas conseqüências, distancia-se dos dogmas e considera o pensamento de Marx como datado, isto é, situado historicamente. A sociologia de Martins rompe com a aplicação sem crítica de teorias produzidas em outros contextos sociais, em outras temporalidades, uma prática muito frequente de acadêmicos, não só no Brasil, mas também na América Latina. Um exemplo desta aplicação dogmática tem sido a perspectiva mecanicista da evolução dos modos de produção. Esta visão tem contribuído para o ocultamento das reais particularidades dos processos históricos de sociedades como a brasileira. Ele é crítico radical das interpretações que dogmatizam Marx, principalmente daquelas que se derivam da leitura estruturalista de Louis Althusser.

Ao longo da sua obra, o autor polemiza com o marxismo dogmático e economicista, esclarecendo também a confusão muito comum entre ciência e ideologia. Para ele, fazer sociologia é radicalmente diferente de fazer ideologia. Enquanto as ideologias se baseiam em certezas, a sociologia lida com as incertezas. Martins resgata o Marx cientista. Foi Lefebvre que mostrou que há uma sociologia em Marx. No Brasil, Florestan Fernandes considerou-o desde a perspectiva científica. O seminário sobre Marx, organizado primeiro por Florestan Fernandes e depois, em outras condições, por Martins, teve como objetivo resgatar o caráter científico do pensamento do clássico. É importante ressaltar que esse esforço realizado por Florestan Fernandes nos anos 1950 tem passado despercebido, porém é pioneiro nas ciências sociais. Somente muito tempo depois apareceram sociólogos de outros países com o mesmo objetivo, ou seja, o de recuperar o aspecto científico de Marx.

Do mesmo modo que em Lefebvre, o empírico ocupa um lugar central na sociologia de Martins. Na sua obra há grandes descobertas, e é na dialética entre a pesquisa empírica e a teoria que emergem novos conceitos. Martins constrói conceitos que emergem à superfície para desvendar o que há de particular na formação da sociedade brasileira, explicando seus problemas, o peso do passado e também o possível. Se ele toma de Lefebvre alguns conceitos, com eles não se contenta e os transforma, os recria.

## **O conceito de reprodução de relações sociais não capitalistas**

Uma das grandes descobertas de Martins é que a sociedade brasileira reproduz relações sociais que não são capitalistas. Lefebvre (1973) é quem resgata a tese da reprodução das relações sociais que se encontra em Marx, mas que passou despercebida para muitos dos seus seguidores que diminuía sua importância, já que consideravam como certo e imediato o colapso do capitalismo. Para os “marxistas”, as relações sociais de produção se reproduziam quase automaticamente, através de instituições como a escola, a Igreja e o Estado. Por esses motivos, os “marxistas” não consideraram que a reprodução das relações sociais deveria ser objeto de atenção e de análise. Lefebvre é o primeiro que chama a atenção a esse fato e se dedica a estudar a reprodução das relações sociais. Uma de suas principais conclusões é que não só há reprodução das velhas relações capitalistas, mas também produção de novas relações sociais. Para Lefebvre, essas novas relações sociais se expressam no espaço, no urbano, na vida cotidiana, mas considera que essas novas relações sociais são essencialmente capitalistas.

Martins descobre que a sociedade brasileira não produz só relações sociais capitalistas, mas também relações sociais não capitalistas subordinadas à acumulação do capital. Essa ideia é a base para a crítica da interpretação evolucionista do processo de formação da sociedade brasileira. Expõe e desenvolve essa ideia principalmente em *O cativo da terra*, mas evidentemente não só ali. Essa ideia já está presente, desde os primeiros trabalhos como *Capitalismo e tradicionalismo*, onde demonstra que não há contradição antagônica entre o tradicionalismo e a modernidade capitalista. Ou seja, desde o início de sua trajetória aparece essa ideia que é expressão de sua crítica ao evolucionismo e à tendência inevitável ao desaparecimento das formas sociais “arcaicas” e tradicionais. Interpretação dominante em algumas leituras marxistas que diagnosticavam o avanço e consolidação do capitalismo com a eliminação das relações sociais “atrasadas”. Para esta concepção, a tendência à substituição das formas sociais “pré-capitalistas” era inevitável. Martins demonstra que o capitalismo brasileiro não elimina essas formas sociais anteriores, muito pelo contrário, as reproduz, mas em outro nível, o que explicaria a permanência de formas contemporâneas de trabalho escravo, um dos temas relevantes na sua sociologia. Nas palavras de Martins (2010, p. 19): “Venho orientando a minha pesquisa teórica e empírica pelo problema da produção capitalista de relações não capitalistas de produção no marco da reprodução capitalista do capital de origem não capitalista”.

É deste ponto de vista teórico que Martins busca apreender a natureza das transformações da sociedade brasileira, além da simplificação do debate, já esgotado, sobre feudalismo e capitalismo.

O conceito de reprodução das relações sociais não capitalistas funciona como um fio condutor que permite interpretar a sociologia de Martins. Tomado de Lefebvre, este é um conceito recriado a partir da pesquisa empírica sobre o processo histórico do capitalismo brasileiro. Como já foi mencionado, Martins não se contenta em tomar de Lefebvre alguns conceitos, ele faz surgir uma constelação de conceitos novos, uma sociologia nova para explicar e compreender a sociedade brasileira como uma sociedade específica, com suas particularidades, diferente de outras sociedades. Na teoria de Lefebvre, o conceito de reprodução das relações sociais ocupa um lugar central, distanciando-se e substituindo outros conceitos, de origem filosófica e científica, tais como “sujeito” e “objeto”. Esse conceito expressa um processo que não só contém contradições, nem apenas as repete ou multiplica, mas que também as desloca, as modifica e as amplifica. Não há aqui uma concepção mecânica da reprodução das relações sociais. Lefebvre observa que não há só manutenção das relações de produção e de propriedade, mas também criação de novas relações nos grupos sociais (ou parciais, como ele os chama): os jovens, as mulheres, e no cotidiano, o urbano e o espaço, que são utilizados pelo processo reprodutivo; mas também há regressões e transgressões que servem como “reveladores-analisadores” das contradições do capitalismo como totalidade que busca a coesão, mas também a sua transformação e dissolução. O capitalismo realizou seu conceito como Marx o havia determinado, mas ao mesmo tempo ficaram obscuras as formas de sua realização. O capitalismo absorveu, integrou e subordinou o que a história lhe deixou: as relações pré-capitalistas, a agricultura, a cidade, o conhecimento e a justiça, mas aprofundou suas contradições que tendem a transbordá-lo (LEFEBVRE, 1973).

A tese de Martins se amplia com a concepção lefebvriana da coexistência dos tempos diversos, do desenvolvimento desigual e a noção de formação econômica e social. Os temas que a sociologia de Martins aborda são consequência, até certo ponto, da concepção mencionada, por exemplo, a questão da renda da terra e o trabalho escravo contemporâneo, para citar dois grandes temas. A questão agrária, o destino das populações camponesas e as migrações são questões presentes na obra de Martins e aos quais tem dedicado uma grande parte de seu esforço intelectual. A dedicação do autor a esses temas tem produzido

obras já clássicas, como *Os camponeses e o Brasil*, *O Cativo da terra*, *Caminhada no chão da noite*, *O poder do atraso*, e tem levado alguns acadêmicos a considerá-lo um sociólogo rural. Na verdade há na sociologia de Martins uma crítica profunda à sociologia rural, sobretudo àquela da tradição americana, em certa medida subordinada às demandas da modernização em países como Brasil. Por outro lado, essa confusão é consequência da ausência de uma análise mais aprofundada sobre sua obra. Martins toma o que está na margem como ponto de vista. Neste aspecto há muita semelhança não só com Lefebvre, mas também com Florestan Fernandes. Tomar o marginal como ponto de vista de análise é uma contribuição original e uma característica da sua obra. Por isso, Martins trabalha com as populações e temas considerados marginais. Se para algumas interpretações as populações camponesas estavam condenadas ao desaparecimento, a sociologia de Martins encontra nelas as contradições ocultas da sociedade brasileira no “mundo rural” e no homem simples e nas populações que estão no limite entre o mundo tradicional e rústico e a modernidade que se anuncia e que não se realiza.

### **A teoria dos resíduos de Lefebvre**

Uma fonte de inspiração sociológica de Martins está na teoria dos resíduos de Henri Lefebvre. É nos resíduos e no virtual que estão as necessidades radicais. O processo de humanização está bloqueado pelo poder que domina na superfície. Segundo Lefebvre, é necessário dar sentido ao residual, descobrir as possibilidades nele contidas. Todos os sistemas de poder que se constituem expulsam um resíduo – disse Lefebvre (1967, p. 68-69). Não quer dizer que a sociologia de Martins se explica simplesmente pela influência teórica de Lefebvre. Na verdade, entre Martins e Lefebvre se estabelece um diálogo crítico e fecundo. As teorias, os conceitos e os temas de Lefebvre assumem novos significados na pesquisa empírica e histórica que Martins tem realizado desde os anos 1960.

Para Lefebvre, os grandes sistemas de poder produzem resíduos que se lhes escapam e são irreduzíveis. É nessa perspectiva lefebvriana que Martins encontra uma fértil vertente de inspiração teórica, metodológica e temática. São esses resíduos que ele recolhe na sua sociologia de uma forma criativa e inovadora, os transforma em objetos de investigação e principalmente numa inusitada perspectiva de explicação dos fenômenos sociais. É este conjunto de elementos que perfilam um estilo.

Aliás, o seu estilo, além de ser transparente, uma escrita clara que cativa o leitor desde as primeiras linhas, caracteriza-se pela poesia e música que contém. A sociologia de Martins não é composta só de imagens e metáforas, mas também de ritmos musicais e versos. A clareza da escrita não significa a simplificação das grandes e complicadas questões sociológicas. A poesia não diminui a densidade da sua sociologia. Essa capacidade de expressão e de comunicação é resultado da sua larga experiência de trabalho junto a comunidades pobres e humildes. O seu estilo de escrever contrasta com o estilo de Lefebvre. Martins é um artista que esculpe cada palavra, constrói a frase exata. Para Lefebvre, a palavra é apenas um instrumento poderoso para convencer e vencer. Para Martins, a palavra é um meio para explicar sociologicamente.

Os elementos residuais apontados por Lefebvre contêm uma potência constituída em “mundo”, isto é, possuem um largo alcance explicativo. Os resíduos são, em termos teóricos e de método, uma grande descoberta, que, apropriados criticamente por Martins, são transformados, enriquecidos e reconstruídos de forma original. Esses resíduos e o residual constituem uma das chaves explicativas da sua obra. A seguir se apresenta o quadro que sintetiza a teoria dos resíduos de Lefebvre e que ele intitula “os irreduzíveis”:

### **Quadro 1 - Os irreduzíveis**

<b>Poder</b>	<b>Resíduo</b>
A religião	A vitalidade (natural, carnal)
A filosofia	O não filosófico (o cotidiano, o lúdico)
O político	A vida privada (a privação de tudo o que é tomado pelo político)
O Estado e o estatal	O singular e as singularidades. A liberdade
A centralização	As descentralizações (étnicas, nacionais, regionais, locais)
As matemáticas (o número e a medida)	O drama
A estrutura	O tempo. A história. O movimento dialético. O trágico
A técnica e a tecnocracia	O “insólito”. O imaginário
A cibernética	O desejo. A subjetividade
A arte (tomada cultura, alimento para o consumo de massa)	A “criatividade”. O estilo (o domínio do cotidiano e sua metamorfose)

A burocracia	O individual
A organização	O “desviante”. O original. Os momentos e as situações
A razão e a racionalidade (técnica ou pragmática)	O “irracional”. O natural
A adaptação. A noção de normal	O caráter. O não mimético
A mimésis	A capacidade poética
A linguagem e o discurso	A palavra. O indizível e o não dito
A significação (signo, significante, significado)	O insignificante
O perigo nuclear	O estado de sobrevivência. A vida possível além das portas da morte

**Fonte:** LEFEBVRE, 1967, p. 68-69.

Descartados por outras interpretações, os resíduos tornam-se os elementos essenciais para compreender a sua sociologia. Martins reúne os resíduos dispersos, produzidos pelo processo histórico de constituição da sociedade brasileira, e descobre que o residual contém potencialidades esclarecedoras sobre o possível oculto nas misérias e injustiças sociais do presente. A teoria dos resíduos de Lefebvre permite compreender os temas tratados por Martins: a visão das crianças sobre o mundo dos adultos, o silêncio, o não dito e o indizível, os sonhos, os desencontros da modernidade e do moderno, a vida cotidiana e a alienação, os tempos e ritmos diferentes das relações sociais que não se excluem, apesar de estarem em contradição.

Há dois momentos na história da sociedade brasileira que Martins indica como cruciais: a promulgação da Lei de Terras de 1850 e a abolição da escravidão. Ele trata sobre estes dois temas em várias de suas obras. A renda da terra emerge na sua análise como resíduo e como anomalia, mas, sobretudo, como expressão das relações sociais não capitalistas que configuram a sociedade brasileira. A escravidão é tratada por Martins não somente como resquício de modos de produção anteriores, mas como uma irracionalidade do capitalismo brasileiro. A escravidão e a propriedade privada da terra são heranças do passado, que ainda não foram resolvidas e continuam a atormentar o presente com sua carga pesada de discriminação e desigualdade. Na incorporação da questão da renda da terra por Martins, para analisar o caso brasileiro, está também a inovação metodológica de pensar em tríade e não em dualidades. Martins questiona o pensamento binário e critica o dualismo, nada mais alheio ao método dialético, mas muitas

vezes confundido como se ele fosse, como se essas polaridades binárias fossem expressão do modo dialético de pensar. As tríades – disse Lefebvre (1967, p. 335) – a partir das oposições dicotômicas, esboçam e restituem o movimento dialético, escapando assim das dicotomias.

Segundo Lefebvre (1967), nos resíduos se encontram as possibilidades de resistência. Como já foi dito, os sistemas deixam resíduos que deles escapam e não se deixam dominar. Lefebvre se refere especialmente ao estruturalismo que pretendeu fundar um sistema. Mas recua, se enfraquece, e deixa um resíduo que dele escapa: o tempo. É o tempo que distingue as conexões das formas e que nele se realizam. Nos resíduos existem as possibilidades de criar, do novo. Mesmo as matemáticas não constituem um sistema fechado, nelas há a possibilidade de criação. As matemáticas produzem um resíduo: o drama que escapa ao número, mas que o ilumina, esclarecendo-o. Nas palavras de Lefebvre (1967, p. 374), “a diversidade dos resíduos e seu caráter residual só têm sentido nos e pelos sistemas que tentam reabsorvê-los”. Do que se conclui que os resíduos contêm significativas potencialidades teóricas e metodológicas para compreender os sistemas de poder e que estes sistemas não são fechados. Lefebvre é um crítico radical da noção de sistema entendida como uma totalidade acabada e fechada.

Para Marx, o proletariado também era residual na sociedade capitalista, disse Lefebvre. Resulta impossível para o capitalismo desfazer-se dele, e por isso permanece como o irredutível da sociedade capitalista. Lefebvre aposta nesses resíduos, no descontentamento e mal-estar irredutíveis: a cotidianidade, a juventude, o subdesenvolvimento. A verdadeira criação surge desses resíduos.

A teoria dos resíduos de Lefebvre retoma o tema do romantismo, mas dando-lhe um novo sentido, isto é, o tema da negatividade, da contestação e da crítica radical. O método lefebvriano busca, em primeiro lugar, detectar os resíduos, apostar e mostrar neles a essência, reuni-los e organizar suas revoltas. Um resíduo é um irredutível que deve ser apreendido novamente.

A *poiesis* – disse Lefebvre – parte do residual. Neste sentido também pode compreender-se a obra de Martins; isto é, a partir do residual ele cria uma nova sociologia e uma nova prática sociológica. O primeiro passo – disse Lefebvre – é reunir os resíduos que são depositados pelos sistemas que procuram inutilmente constituir-se em totalidades. A religião não consegue acabar com a vida carnal e a vitalidade espontânea. A filosofia deixa escapar o elemento lúdico e cotidiano que não é capaz de absorver. Assim como o drama escapa à matemá-

tica, a estrutura e o estruturalismo deixam novos resíduos: o tempo, a história, o particular e as particularidades específicas. A máquina e a técnica mostram aquilo que lhe resiste: o sexo e o desejo; o Estado é implacável contra a liberdade, mas a designa. A centralidade do Estado salienta a descentralidade irredutível das regiões. A arte deixa um resíduo, a criatividade. A burocracia não consegue reduzir o indivíduo, o singular, assim como a organização não pode eliminar o espontâneo e o desejo. Esses são os irredutíveis.

O método de Lefebvre não mostra uma imagem enganadora do futuro, mas apela para o possível, para a imaginação. Partindo do atual, sem descuidar do imprevisível, o método lefebvriano presta atenção ao novo que surge na história. Os resíduos não são só o mais precioso e o novo, mas fazem explodir por dentro os sistemas que querem absorvê-los. “Nesse sentido – disse Lefebvre –, a *poiésis*, que deles se apodera, deve revelar-se criadora de objetos, de atos e, mais geralmente, de situações” (LEFEBVRE, 1967, p. 377).

Martins, do mesmo modo que Lefebvre, constrói sua sociologia a partir daquilo que não tem valor, ou que não tem mais valor, isto é, o cotidiano, a ambiguidade, a palavra incerta. Esses são os resíduos a que se refere Lefebvre e que estão presentes na sociologia de Martins.

É do residual que parte a *poiésis*, isto é, as potencialidades da criação. As imensas possibilidades tecnológicas atuais - disse Lefebvre - chegam às pessoas como resíduos daquilo que foi destinado à alimentação dos sistemas de poder. Um exemplo típico é a internet, da qual hoje se beneficiam milhões de pessoas no mundo. Na sua origem, destinada a alimentar o sistema militar, ela chega de forma residual às pessoas, que a utilizam, a potencializam e a transformam.

No Brasil, José de Souza Martins tem dedicado grande parte da sua trajetória intelectual ao estudo das populações camponesas, precisamente por considerá-las como expressão de um mundo em crise, como um elemento irredutível da modernidade. Na França, Lefebvre fez seu doutorado em sociologia rural. Em sua pesquisa, ele fez a reconstituição de mil anos de história de uma aldeia francesa, encontrando o significado dos confrontos políticos centenários e de concepções de vida que não poderiam ser identificadas a partir de uma perspectiva evolucionista e linear. Assim, tanto para Martins como para Lefebvre, o rural possui uma riqueza metodológica que não existe em outros lugares. É no mundo rural que existe uma maior diversidade e tensão de tempos históricos e relações sociais. Segundo ele, o capitalismo brasileiro não se desenvolveu da mesma forma que o capitalismo inglês, principal referência para *O Capital* de Marx. O

método regressivo-progressivo, proposto por Lefebvre, possibilita integrar dialeticamente a sociologia e a história.

Este método consiste na combinação de uma complexidade horizontal e uma complexidade vertical. A primeira permite a descrição do visível e consiste em identificar, a partir de uma perspectiva teórica, as diferentes relações sociais. No segundo momento, essas relações sociais diferentes são datadas. Então se descobre que elas, coexistentes numa mesma formação social, não são contemporâneas, isto é, são resíduos de épocas anteriores.

Martins (1973; 1975) mostra que no capitalismo brasileiro essas relações sociais não são antagônicas. Essa ideia perpassa sua pesquisa desde o início da sua trajetória. Num de seus primeiros livros, *Capitalismo e tradicionalismo*, ele mostra que não há antagonismo entre tradicionalismo e capitalismo, entre o moderno e o arcaico. Pelo contrário, o capitalismo brasileiro se caracteriza pela reprodução de relações sociais não capitalistas, pelos valores e modo de vida tradicionais. Esse mecanismo explicaria a persistência do campesinato.

Para Martins, o capitalismo brasileiro recria relações sociais não capitalistas e as subordina ao processo de acumulação de capital. Da sua interpretação, é possível ressaltar duas teses: a primeira é que a origem do capitalismo brasileiro se baseou no trabalho escravo. Desde sua origem ele está marcado por essa contradição, reproduzindo relações sociais que são de outras épocas. O trabalho escravo é recriado e subordinado à acumulação do capital, mas ao mesmo tempo aparece como negação do próprio capitalismo. A segunda se refere à transição do trabalho escravo ao trabalho livre. No seu livro *O cativo da terra*, Martins (2010) analisa o regime do *colonato* que vigorou no Brasil durante quase cem anos, e mostra que nas fazendas de café paulistas surgiram relações sociais não capitalistas constituindo-se na base desse regime.

Martins critica interpretações apressadas que consideram que na transição do trabalho escravo para o trabalho livre surge o trabalho assalariado. Ele mostra que o capitalismo brasileiro cria relações sociais não capitalistas, como o trabalho escravo e as relações que surgiram entre os trabalhadores imigrantes nas fazendas de café em São Paulo.

Na sociologia de Martins há um Marx inacabado, residual, histórico. Aqui há uma espécie de continuidade ou complementaridade entre o projeto intelectual lefebvriano e a sociologia de Martins. Esforço que também é compartilhado com Florestan Fernandes, que foi o primeiro no Brasil a tentar recuperar a sociologia de Marx, considerando-o um clássico das ciências sociais. Martins (2013) disse que, para Florestan Fernandes, a teoria sociológica de Marx poderia ser adotada depen-

dendo do problema de investigação sociológico proposto. Lefebvre faz uma interpretação sociológica de Marx, e seu objetivo é realizar uma atualização do pensamento de Marx levando em conta as transformações da sociedade contemporânea. Para Lefebvre, nem o materialismo histórico nem o materialismo dialético podem se sustentar dogmaticamente (LEFEBVRE, 1976).

Martins descobriu, com Lefebvre, que o mais importante que há para resgatar em Marx é o método dialético. Ele resgata esse método que combina momentos de investigação e de explicação e que finaliza com a análise inconclusa das classes sociais. Lefebvre prolonga o marxismo, mas critica o dogmatismo dos marxistas. Sua crítica ao marxismo dogmático custou-lhe sua marginalização na esquerda e também na academia. No entanto, Henri Lefebvre produziu uma obra original, inovadora e ampla. Dedicou toda a vida ao estudo do espaço, do cotidiano, do urbano, da modernidade e do Estado. Descobriu novas contradições da sociedade moderna e, sobretudo, conseguiu desenvolver o marxismo, propondo novos conceitos e construindo uma nova perspectiva teórica para compreender os problemas sociais contemporâneos. Lefebvre, nas palavras de Martins (2013), possibilita a compreensão da cotidianidade e do reprodutivo, e, ainda, da revolução como revolução da vida cotidiana e revolução urbana.

Nessa volta a Marx, Martins e Lefebvre encontram o núcleo da sua concepção acerca da historicidade do homem e sua relação dialética com a natureza. O homem transforma a natureza, transformando-se a si mesmo. A formação econômico-social, uma noção que se encontra de forma imprecisa na *Ideologia alemã*, permite dar consistência a essa concepção dialética da história, porém raramente aparece nas obras posteriores de Marx e, quando aparece, está mal formulada. Essa noção traz a ideia de que as relações sociais não são homogêneas, ou seja, não são uniformes nem têm o mesmo tempo. Essa descoberta de Lefebvre é fundamental para entender a interpretação sociológica de Martins sobre a sociedade brasileira.

A partir dos temas tratados por Martins, sua sociologia pode ser classificada em três grandes partes: uma dedicada aos estudos das populações rurais, outra aqueles dedicados a temas da sociologia cotidiana e um novo campo que é a sociologia da imagem. Todos esses campos, aparentemente diversos, tomam o residual como fio condutor, como referência explicativa da sua sociologia, o que confere à sua obra uma unidade na sua diversidade. Na sua sociologia dos sonhos, por exemplo, estes aparecem como resíduos da racionalidade que, “ao invadirem a vida cotidiana, reduzem a imaginação ao ima-

ginário, a criação à submissão, a coragem ao medo” (MARTINS, 1996, p. 16). Quando Martins aborda a sociologia da imagem traz à luz um conceito perdido em Marx: o conceito de menos-valia, equivalente ao conceito de resíduo. Nas palavras de Martins:

Numa linha perdida de um dos três volumes de *O Capital*, de passagem, Karl Marx usa a noção de *menos-valia*. Num denso e inacabado livro sobre a *mais-valia*, a exploração do homem pelo homem, a forma social de extração e acumulação da riqueza na sociedade contemporânea, a fonte da imensa massa do capital que transfigurou a sociedade, fonte do poder que os circunda e nos conforma, essa referência é o contraponto dialético à tentação de linearidade, do discurso meramente conceitual, do modo único de dizer e de compreender (MARTINS, 2008a, p. 9).

O conceito de menos-valia aparece como contraponto dialético da acumulação do capital, da mais-valia, do tempo linear, do determinismo histórico. É interessante que esse conceito anima os retratos do silêncio que Martins nos apresenta no seu belo e comovente livro de fotografias. A partir do enigma deste conceito, Martins captura a imagem da obsolescência das coisas e das pessoas, da finitude do mundo, do que foi e não é mais (MARTINS, 2013). O livro de imagens em que Martins retrata o silêncio, o vazio, o finito, a estética do abandono é seu livro mais poético.

### Considerações finais

Neste texto buscou-se analisar a sociologia de José de Souza Martins tendo como referência fundamental o diálogo crítico com o sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre. Partiu-se da ideia de que a teoria lefebvriana, principalmente a dos resíduos e da vida cotidiana, contribui para compreender e explicar a obra do sociólogo da USP. A obra de Martins merece um estudo detido, dada a sua riqueza e diversidade. Tentou-se aqui mostrar o fio condutor que dá unidade e coerência à sua sociologia. São vários os determinantes teóricos, sociais e históricos que explicam a sociologia de Martins: a sua origem social, a herança sociológica de Florestan Fernandes, o processo histórico brasileiro, as suas influências teóricas, o diálogo amplo com a sociologia, a história e a antropologia, mas também com as diversas tradições teóricas.

Martins é continuador do projeto de Florestan Fernandes de criar uma sociologia enraizada na sociedade brasileira. Projeto interrompido pelo golpe militar de 1964, mas que Martins leva adiante apesar

das condições impostas pelo regime autoritário. Como já foi mencionado, Martins, nos anos 1970, pesquisa os conflitos sociais dos estados do Pará, Mato Grosso e Rondônia. A pesquisa empírica é decisiva na elaboração da sua sociologia enraizada no processo histórico. É nessas condições que surge a prática inovadora de fazer sociologia de José de Souza Martins.

Definitivamente há uma sociologia martiniana cuja origem está em Florestan Fernandes, mas que abre uma nova perspectiva sociológica, tanto teórica como metodológica. Martins aprofunda o método dialético e dele se apropria para explicar a sociedade brasileira. Demonstramos que o diálogo crítico que Martins estabelece com Lefebvre é fundamental tanto no que se refere aos temas como ao ponto de vista teórico e metodológico. Martins não se contenta com os conceitos que encontra na teoria de Lefebvre, deles se apropria e os supera, propondo novos conceitos que explicam a sociedade brasileira.

Por último, destacou-se a importância da teoria dos resíduos de Henri Lefebvre, relacionando-a com o ponto de vista adotado por Martins. Para Lefebvre, os sistemas de poder criam resíduos, mas são incapazes de eliminá-los; eles são os irredutíveis como mostramos. Os resíduos se tornam objeto e método na sociologia de Martins. A teoria lefebvriana dos resíduos contribui para compreender e explicar a sociologia de Martins.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A re-produção das relações de produção*. Porto: Publicações Scorpão, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Tiempos equívocos*. Barcelona: Editorial Kairós, 1976.
- MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. 1. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo e tradicionalismo*. 1. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Os camponeses e a política no Brasil*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- \_\_\_\_\_. (org.). *(Des)figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1996a.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Florestan - sociologia e consciência social no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

- \_\_\_\_\_. *José de Souza Martins*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade vista do abismo (Novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais)*. Petrópolis: Vozes, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *Exclusão social e a nova desigualdade*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O cativo da terra*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. v. 1. 172 p.
- \_\_\_\_\_. *A sociologia como aventura - Memórias*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOTO, William Héctor Gómez. Dialética e imaginação na sociologia de José de Souza Martins. *Estudos Sociedade e Agricultura*, abril de 2015, vol. 23, n. 1, p. 196-213, ISSN 1413-0580.

**Resumo:** (*Dialética e imaginação na sociologia de José de Souza Martins*). O autor faz uma reflexão sobre a sociologia de José de Souza Martins, apontando alguns elementos para explicá-la. Neste texto procura-se demonstrar que há duas noções-chave para explicar sua sociologia. Uma delas é noção de resíduos e a outra é a de menos-valia. A primeira delas expressa a teoria dos resíduos de Henri Lefebvre. A segunda, surpreendentemente, pertence a Marx. Tanto uma como outra têm passado despercebidas para os seguidores de Lefebvre e Marx. Essas duas noções expressam uma concepção não linear da história e explicam parte importante da sociologia de Martins, as escolhas dos seus temas e, sobretudo, sua perspectiva teórica.

**Palavras-chave:** sociologia brasileira, teoria dos resíduos, menos-valia, dialética.

**Abstract:** (*Dialectics and Imagination in the Sociology of José de Souza Martins*). In this paper, the author gives his views on the sociology of José de Souza Martins by presenting two key notions to understand it: that of residues and that of deficit. The first notion expresses the theory of residues derived from Henri Lefebvre. Surprisingly, the second comes from Marx. Both notions have gone unperceived by followers of Lefebvre and Marx. They convey a non-linear conception of History and help explain an important part of Martins' sociology, his choice of themes, and, above all, his theoretical framework.

**Key words:** Brazilian sociology, theory of residues, deficit, dialectics.

Recebido em abril de 2015.

Aceito em abril de 2015.